

## **Enfrentamentos religiosos na literatura de folhetos: alguns olhares de protesto (Recife 1900-1920)**

Edivania Alexandre da Silva\*

Palavras-chave: Folhetos Populares / Enfrentamentos religiosos / Modernidade / Valores

Os folhetos da literatura de cordel começaram a ser impressos e divulgados no final do século XIX, tornando-se suporte de relações sociais e uma importante mídia de comunicação difundida pelo Nordeste brasileiro. Através de suas narrativas, é possível desvelar tensões culturais advindas de diferentes sujeitos que, originários de tradições orais, não letradas, manifestavam e registravam posições, valores, enfrentamentos e tradições através das poesias ali presentes.

No início do século XX, a cidade do Recife passava por uma série de transformações infra-estruturais, que objetivavam aproximar a capital pernambucana de modelos de “modernidade” e “civildade” em voga no período. Contudo, “embelezar” e modernizar a cidade não eram as únicas preocupações dos reformadores, que aspiravam “educar” e transformar não só sua infra-estrutura, mas também valores, condutas, costumes e hábitos da população.

No entanto, essas investidas não eram ignoradas pela população que se posicionava com rigor, lançando olhares de estranhamento contra a disseminação de ideais que tentavam “adequá-la” aos “novos tempos”. Esses sujeitos contestavam, satirizavam, e, através da negação, difundiam e reafirmavam outros valores, e posições, geralmente ancorados em tradições vividas, consolidadas e presentes em suas vidas.

Na tentativa de acompanhar alguns dos embates religiosos empreendidos através dos folhetos, escolhemos o autor Leandro Gomes de Barros, sujeito de origem muito simples e humilde, que marcou sua presença na cidade por meio de pequenas publicações, que traziam grafia muitas vezes irregular e afastada dos cânones literários presentes em produções da época, e no entanto marcavam lugares sociais, que diziam

---

\* Mestre em História pela Universidade Federal da Bahia

sobre seu autor e principalmente sobre grupos de retirantes que, por diferentes motivos, partiam do campo em direção à cidade e ali passavam a viver e se manifestar, afirmando suas experiências e tradições.

Decidimos iniciar a discussão com uma narrativa produzida em 1915, chamada *A crise actual e o aumento do selo*, que aborda de maneira engraçada o momento de crise pela qual passava a cidade que, além de sofrer os tormentos da Primeira Guerra Mundial, tinha seu comércio enfraquecido em consequência das decorrentes secas que atingiam o sertão. É interessante perceber os modos que o poeta encontrava para satirizar e apontar acontecimentos e situações que expunham de forma engraçada tensões, valores e práticas que, ao seu modo de ver, afastavam-se dos referenciais por ele considerados corretos e, por isso, eram apontados com estranhamento em suas narrativas.

Notemos a capacidade de criação do poeta ao falar da ação dos fiscais durante o aumento da cobrança dos impostos. Para isso, adotava situações inusitadas, que tinham como pano de fundo uma ferrenha crítica à monetarização das relações:

*Ordenei mais que um noivo  
Pretendendo a se cazar  
Sellar-se elle e a mãe  
O pai tem de se sellar,  
E o pai da propria noiva  
Precisa se carimbar.*

*A sogra do noivo não,  
Não é preciso sellar  
A sogra, a cobra, o lacrau  
Estão isentos de pagar  
Graças ao veneno desses  
Sempre podem escapar  
[...]*

*Vi uma velha chorando  
Dizendo meu Deus que sina!  
Já fui aos homens da terra  
Fui a justiça divina  
Minha filha vai casar-se  
Querem sellar a menina. (sic) (Antologia BARROS, 1980: 310-311)*

No trecho, é perceptível que o poeta aproveitava alguns problemas enfrentados pelos comerciantes mais pobres, a exemplo do aumento do selo sobre os produtos comercializados, para suscitar questões acerca de algumas relações que vinham sofrendo transformação na sociedade. É interessante notar o modo como a narrativa

relacionava elementos pertencentes a esferas absolutamente diferentes, como o matrimônio e os impostos, e, a partir dessa associação, normalmente não cogitada, terminava por evidenciar a crítica ali embutida.

No fragmento destacado, é latente a inquietação do poeta ao gerar uma situação na qual dissimulava relação aparentemente engraçada e irreverente, onde atos e manifestações religiosas e sagradas, passavam a ser controladas, fiscalizadas e taxadas por autoridades civis, que lhes atribuíam novos e diferentes valores. O trecho se desenvolve como se o autor desejasse evidenciar que, nesse novo contexto, nada escaparia de ser transformado em mercadoria, mesmo que se tratasse do casamento, vínculo estabelecido segundo as regras de uma religião, um dos sacramentos da Igreja Católica, que deveria ser cumprido e vivido em sua normalidade, para que o fiel se mantivesse próximo à vontade de Deus. (Efésios, 5: 31 – 33, BÍBLIA, 1990: 1506)

Ao criar uma situação onde ficava evidente o afrontamento entre as coisas de Deus e os valores do “mercado”, com ênfase à imposição do segundo sobre o primeiro, o poeta inevitavelmente mostrava o lugar de onde falava, e a convicção de algumas tantas pessoas, que, assim como ele, possuíam fortes crenças religiosas e se manifestavam para que, diante das investidas dos novos tempos, os valores religiosos fossem respeitados.

No trecho selecionado, percebemos que muitos personagens eram partidários da convicção do poeta: “Vi uma velha chorando/ Dizendo meu Deus que sina!” A senhora se chocava e mostrava seu desespero diante da transformação religiosa e também econômica por que passava a cidade. Sua indignação era tamanha que, diante da falta de justiça dos homens, clamava à justiça divina, pois, de acordo com os próprios conhecimentos populares, “tarda, mas não falha”.

Essa ciência, acerca da punição dos pecadores, fica evidente na própria narrativa. Observemos o que ocorre a um dos fiscais, responsável pela proliferação dos selos:

*Morreu um dia um fiscal  
Foi dar contas ao Eterno  
Ghegou lá, Deus perguntou-lhe  
Rapaz, quede seu caderno?  
Disse o fiscal: dei-o hontem  
Ao caixeiro do inferno.*

*Então Deus lhe perguntou*

*Porque não trouxe consigo?  
Disse o fiscal é porque  
Aqui eu tenho inimigo  
Os empregados do mundo  
Tudo aqui correm perigo.*

*Lá, eu empatei um santo  
Pedir esmola na feira,  
No dia que fiz um padre  
Sellar uma padroeira  
Fiz a proscissão dos Passos  
Sahir em toda carreira. (sic) (Antologia BARROS, 1980: 314 – 315)*

No trecho em destaque, o fiscal passava por um momento de provação, como consequência de ter levado tantos problemas à vida das pessoas na terra. Assim como todo cristão, quando morreu, precisou prestar “contas ao Eterno”, e foi interrogado sobre seus atos em vida (Gálatas, 6: 7-9, BÍBLIA, 1990: 1500). O julgamento do fiscal aparece na narrativa como uma espécie de lição de moral, e certeza de que haveria compensação ou punição sobre todos os atos cometidos durante a existência do sujeito.

A primeira interrogação dirigida ao fiscal foi acerca de seu caderno: “Rapaz, quede seu caderno? Disse o fiscal: dei-o hontem ao caixeiro do inferno”. Por intermédio de Deus, o poeta perguntava sobre o caderno, porque acreditava que ali estariam registradas todas as injustiças que os representantes do governo cometiam contra os comerciantes e pessoas comuns aqui na terra. Durante a resposta, ficava clara a sátira dirigida a esses profissionais, ao anunciar que antes de qualquer atividade na sua vida *post mortem*, havia, primeiramente, dado uma “passadinha” no inferno, como se indicasse familiaridade com o ambiente.

Vale ressaltar que, além de mostrar todo seu desprezo e indignação contra os “empregados do mundo”, ao anunciar a passagem do fiscal primeiro pelo reino das trevas, o poeta indicava que esses sujeitos também eram mal quistos no céu, e ali possuíam muitos inimigos: “Aqui eu tenho inimigo / os empregados do mundo / tudo aqui correm perigo”. Ou seja, o narrador desejava mostrar a reprovação por parte de Deus, e dos moradores do céu, com relação às atitudes dos funcionários do governo na terra.

Notamos que a campanha contra os fiscais provavelmente acontecia porque o poeta acreditava que estes eram os mais fortes representantes daqueles que desejavam intensamente as transformações e a “modernização” da cidade, além de serem os causadores de muito sofrimento às pessoas que ali viviam.

O próprio empregado do governo, ao prestar contas de suas ações na terra, possuía consciência de que os principais pecados que cometera durante a vida foram afrontas contra a religião. Ao confessar, por exemplo, que empatou um santo de pedir esmolas na feira, mostrou toda a crueldade de um sujeito que, mesmo sabendo que aquela poderia ser a única possibilidade de sobrevivência de alguém, ainda assim o impediu de ganhar seu pão.

A feira era momento singular na vida dos sertanejos, pois muitos se sustentavam por meio da venda de roupas, cerâmicas, artesanatos, artigos de couro, artefatos de palha, arreios, dentre muitos produtos. Outros sobreviviam com apresentações artísticas, como era o caso dos cantadores, emboladores, que cantavam através de motes tirados de improviso, acrobatas e profissionais que conseguiam algum dinheiro através de sua criatividade e inventividade. Mas, além disso, a feira era, ainda, espaço para indivíduos que, impossibilitados de mercadejar, ou fazer apresentações artísticas, sobreviviam das esmolas que ganhavam, como era o caso dos cegos e outros deficientes.

O fiscal, representado no folheto, reconhecia sua falta de compaixão ao confessar, durante seu interrogatório, que impedira sujeitos necessitados de exercerem uma das poucas atividades que lhes era possível. O homem reconhecia que seu ato não fora louvável, pois, além de impedir a realização de um ato aprovado e aconselhado pela bíblia, como era a recomendação de dar esmolas – "A esmola livra da morte e purifica de todo pecado. Quem pratica esmola, terá vida longa." (Tobias, 12:9, BÍBLIA, 1989: 540) – ele também prejudicava pessoas que pediam e agradeciam em nome de Deus

Nesse sentido, ressaltamos que o poeta estava atento às mínimas atitudes dos empregados da cidade, inclusive àquelas que contrariavam normas, valores e práticas vigentes nas tradições culturais de que era partidário, como é o caso da doação de esmolas aos mais pobres.

Seguindo o trecho indicado no folheto de Barros, percebemos que a ação contra os cegos não havia sido o único pecado do fiscal, que confessava atos ainda mais graves, como ter obrigado um padre a colocar selo de cobrança de impostos em uma padroeira: "No dia que fiz um padre / Sellar uma padroeira", ato certamente merecedor de castigo exemplar, pois o culto à Virgem Maria era bastante forte entre os católicos da cidade.

O culto à Virgem Maria foi enfatizado no Recife durante o Segundo Reinado, por volta de 1850, fazia parte das reformas por que passava a Igreja Católica que tentava difundir os dogmas afirmados pelo papado, além de combater os “demasiados” cultos populares existentes no Brasil desde o período colonial. Raimundo Pereira Alencar Arrais afirma que o culto à Maria ganhou fervor entre os recifenses:

*Sob suas diversas designações, o culto de Nossa Senhora, mormente o de Nossa Senhora do Carmo e Nossa Senhora da Penha, adquiriu no Recife um vigor impressionante. O fervor dos fiéis na colaboração para a demorada construção do templo de Nossa Senhora da Penha dá uma mostra dessa energia mobilizada pela fé. (ARRAIS, 2001: 225)*

Os padres e representantes do vaticano faziam exercícios cotidianos para orientar fiéis no que dizia respeito aos rituais de culto à virgem. Manuais, livros, propagandas, Horas Marianas, celebrações no interior e fora das igrejas eram utilizados para expandir a devoção que era contrastada a cultos tradicionais como o de Santo Antônio, que não se “adequavam” aos planos de gestão urbana da cidade. A relevância da santa ganhou tamanho vigor que, a partir de 1919, Nossa Senhora do Carmo subiu à posição de co-padroeira de Pernambuco, ao lado de Santo Antônio. (ARRAIS, 2001: 224-229)

A fé devotada a Maria pode ser tomada como um exemplo de que não havia somente enfrentamentos entre fiéis e reformadores na cidade, mas também relações, pois o culto adquiriu ao longo do século XIX e XX uma dimensão bastante forte e significativa. É bem verdade que nem sempre a relação com a santa se dava do modo que os reformadores desejavam, no entanto era inegável a força de sua devoção.

Assim temos noção do tamanho da fé e credulidade dedicadas à figura da Santa naquela região. Logo, ao estabelecermos relações entre os elementos mencionados e a narrativa de Leandro de Barros, poderemos dimensionar o temor do fiscal de *A crise actual e o aumento do sello*, ao confessar seu atentado contra a “Virgem Santíssima”, arremetendo impiedosamente um selo de imposto na padroeira, atitude que, dificilmente, teria remissão no céu.

Não obstante, acreditamos que o destino do fiscal tenha sido decidido após confessar seu último pecado: fazer a Procissão dos Passos “sahir em toda carreira”, pois, provavelmente, tanto os moradores do Recife, quanto os habitantes do céu, achavam que este pecado não merecia perdão.

De acordo com o memorialista Mário Sette, a Procissão dos Passos era uma das mais concorridas e demoradas da cidade, pois se iniciava na quinta-feira da Quaresma, assim que a tarde caía, e se encerrava na sexta-feira, no início da noite.

*[...] As irmandades, as confrarias, o andor enfeitado com cravos e alecrins, as ordens terceiras, o seminário, o pátio, [...] as músicas, o povo... Um desfile extenso, colorido, bonito, empolgante! De quando em vez se via no meio do préstito um homem com um rabecão, outro com um violino, outro ainda com uma música na mão. Era a orquestra que ia tocar num dos passos. Ali o andor parava, dando as quedas do ritual. A multidão arrojava...*  
(SETTE, 1958)

O memorialista conta que a procissão demorava tanto, que as pessoas que moravam no trajeto por onde ela passava se preparavam com muita antecedência para receber as visitas que vinham de longe, permaneciam todo o dia e ficavam para o jantar, uma vez que, quando tudo findava, a noite já havia caído, as ruas estavam cada vez mais vazias e escuras. (SETTE, 1958)

Em função dessas informações, apreendemos a gravidade do ato cometido pelo “malvado” fiscal, que, de acordo com o poeta, atreveu-se a interferir no funcionamento de uma das cerimônias mais solenes e tradicionais da cidade, e em um ato de subversão colocou a “demorada” procissão para “correr”. Certamente, os três feitos cometidos por esse “abusado” sujeito na narrativa, principalmente contra os valores, obras e rituais religiosos, contribuíram para o castigo que lhe foi atribuído:

*O Eterno olhou-o e disse-lhe  
Já por alli cara dura  
Vá encharcar o inferno  
Com sua horrenda figura  
O diabo disse: vote!  
Eu quero é ver-lhe a lonjura.*

*Voltou para o pulgatorio  
Foi o mesmo desmantello,  
Quizeram o apedrejar  
O porteiro não quis vel-o  
Foi ao inferno, o diabo  
Não quis, nem pr'a derretel-o (sic) (Antologia BARROS, 1980: 315)*

No final da história ficava evidente o castigo para aqueles que descumpriam as normas e os valores da religião da qual o poeta era partidário. O fiscal recebe a punição

por ter atormentado a vida de tantas pessoas na terra, é expulso do céu, do purgatório, e nem no inferno possui alguma serventia.

A partir do folheto publicado, percebemos que, apesar de trabalhar com personagens fictícios, inseridas em situações do cotidiano da cidade, o poeta não deixava de enfatizar lições de moral, que davam a certeza a seus leitores de que os sujeitos que praticavam ações danosas à vida das pessoas, tanto em aspectos materiais, como valores, normas e crenças, não ficariam impunes. Embora fosse uma crítica engraçada, construída com base em muita criatividade e inventividade, a narrativa não deixava de trazer uma dimensão da experiência do seu autor, que mostrava, além de confabulações no desenrolar da história, lições e valores que considerava os mais corretos para serem afirmados e difundidos durante as leituras ou audições.

O que nos parece é que Leandro Gomes não desperdiçava em suas poesias a possibilidade de fazer com que seus leitores e ouvintes se inquietassem ao acompanhar as críticas direcionadas às transformações da cidade. Através do folheto trabalhado, percebemos que o narrador aproveitava sua habilidade de rima para imprimir nas histórias, além de intervalos engraçados, que faziam as pessoas se distraírem, também significados, experiências, valores que considerava corretos naquele período de transformações. É como se o poeta deixasse para seus interlocutores, pessoas que tinham experiências, dificuldades, e também origens semelhantes às suas, a possibilidade de significarem e corroborarem com suas insatisfações e descontentamentos com os acontecimentos correntes.

Acompanhamos nos folhetos de Barros constantes exercícios de intercambiar experiências e difundir valores, mesmo quando estes eram caracterizados como “antiquados” e “fora de uso”. É o caso do folheto *As saias calções*, escrito entre 1910 e 1913, uma narrativa singular, permeada de críticas e restrições às inovações que surgiam naquele início de século na cidade do Recife, mostrava valores de quem escrevia e também de quem lia o material.

O folheto *As saias calções* pode ser tomado como suporte para perceber as diferentes formas que o poeta encontrava para enfrentar os novos valores e atitudes disseminados e praticados na cidade. A narrativa está permeada de cobranças e punições endereçadas àqueles que aderiam às inovações. No início do folheto, assim como fazia

freqüentemente, o poeta relacionava uma série de mudanças que lhe causavam estranhamento:

*O mundo está as avessa,  
As cousas não vão de graça,  
Homem raspando bigode  
E mulher vestindo calça,  
Isso é um páo com formiga,  
Um banheiro com fumaça. (sic) (BARROS, 1983: 39-40)*

Alguns hábitos e comportamentos sofriam alterações, e essas mudanças causavam incômodo ao autor da poesia, que, sempre de maneira muito bem humorada, proferia ferrenhas críticas aos seus praticantes. No trecho notamos que o poeta observava a reviravolta porque passava o mundo, pois sequer conseguia definir os papéis sexuais dos sujeitos ali presentes, o que lhe causava profunda indignação.

Leandro de Barros aproveitava a oportunidade para recriminar uma moda muito difundida na cidade, que se espalhava entre as mulheres, eram as “famigeradas saias-calção”, um tipo de vestimenta que em seu cumprimento trazia muito tecido, mas na extremidade de baixo ficava presa aos calcanhares. O poeta considerava essa inovação “cousas do fim de mundo”, uma “sem-vergonhice”, adotada por mulheres de “índole” e “moral duvidosa”.

Na tentativa de combater a gravidade de tais inovações femininas, Leandro de Barros criou uma associação entre a adesão à moda e o afastamento e descumprimento de atos e práticas religiosas. No folheto *As saias calção* o autor concebia formas bastante criativas para mostrar aos leitores e ouvintes os diferentes problemas enfrentados pelos sujeitos que ousavam aderir a tal moda:

*Hontem morreu uma velha  
E não quis a confissão,  
Disse ao filho antes da morte,  
Para mim não faça caixão  
E quero em vez de mortalha  
E' uma saia calção. (sic) (BARROS, 1983: 41)*

A personagem do trecho em destaque é um exemplo da oposição entre moda e religião, sua atitude traz “lições de moral” que deveriam servir como modelo para outras mulheres. Note que, na lógica do autor, por possuir mais tempo de vida, experiência e conhecimento acerca das normas e valores em vigor, a “velha” deveria saber discernir

entre o “correto” e “incorreto”, “descente” e “indecente”, contudo não é isso que ocorre, pedia insistentemente ao filho a vestimenta da moda.

O poeta associa diretamente a adesão ao elemento da moda ao descumprimento das normas religiosas, observe que, mesmo em seu leito de morte, a “velha” não desejava receber o sacramento da confissão, porque só assim poderia morrer em paz e vestida com sua saia calção. Intencionalmente o narrador afirmava os perfis duvidosos daqueles que aderiam às inovações, construindo personagens sem caráter, não confiáveis, e de pouca credibilidade.

Insistimos no sentido de que para advertir seus leitores e ouvintes acerca da gravidade de condescender-se às inovações dos tempos modernos, o poeta reforçava seus argumentos recorrendo a valores, comportamentos e práticas religiosas, imprimindo nos folhetos uma moral que cobrava posturas acertadas e firmes diante das ofensivas da modernização. É interessante perceber que, além do rigor das cobranças de posturas firmes aqui na terra, o poeta acenava possibilidades de cobranças que se estenderiam, inclusive, após a morte, alegando que as punições não se limitariam às dependências terrenas, mas à chegada e permanência no céu. Observe o que aconteceu com esta outra velha:

*Morreu agora uma velha  
N'uma cachaça medonha,  
As filhas enterraram ela  
Vestida em saia pamonha,  
Foi ao céu, S. Pedro disse  
Já por ali! sem vergonha. (sic) (BARROS, 1983: 43)*

Novamente outra pessoa é enterrada com as saias da moda. Note que mais uma vez o poeta insistia em dizer que a personagem era “velha”, o que, novamente, reforçava sua noção de que caberia principalmente às pessoas mais experientes a responsabilidade em se posicionarem criticamente diante das práticas e inovações do seu tempo.

Contudo, dessa vez, o que desabonava a “velha” era o fato de ter morrido embriagada, o que a inseria num rol de pessoas não muito bem quistas na sociedade, pois havia uma distinção entre os “amantes da cachaça”, e os conhecidos “cachaceiros”, sujeitos que bebiam desregradamente prejudicando a si e aos outros (CARVALHO, 1966: 155-159). Nessa campanha, percebemos que, ao associar a “velha” à “saia” e à

cachaça, o poeta reforçava a imagem negativa das pessoas que aderiam a tais modas. (MOTA, 1982, passim)

No trecho acima, o poeta não se limita a associar moda e o descontrole no álcool. No caso da velha “cachaceira”, quem decide enterrá-la com a tal “saia pamonha” são suas filhas, indicando que o problema do uso e disseminação da moda não estava somente entre os mais velhos.

Não obstante, a narrativa indicaria que a anuência a tal inovação não lhe custaria barato: “Foi ao céu, S. Pedro disse / já por ali! sem vergonha”. Se pensarmos que, de acordo com a tradição popular, São Pedro é o guardião das chaves do paraíso, e, segundo a narrativa, a “velha” só conseguiu conversar com esse santo, então chegaremos à conclusão de que ela sequer conseguiu passar das “portas” do céu, e, através das palavras do próprio santo, teve seu castigo exemplar, retornando, sem ao menos ser julgada.

Nesse sentido, ressaltamos que o poeta não parecia muito tolerante com as pessoas que aderiam às inovações, mostrando que tais atitudes eram dignas de reprovação, tanto na terra, como no céu. A despeito, suas repreensões, que até o momento foram dirigidas às velhas “sem vergonha”, não se limitariam a elas, uma vez que, em se tratando de Leandro Gomes de Barros, não tardaria para que os religiosos também fossem incluídos no rol de pecadores:

*Dizia frei Ribingudo,  
Hontem, pregando um sermão,  
Deus filhos creiam por Deus  
Que eu digo de coração,  
Só queria ser mulher,  
Para botar saia calção.*

*Dizia na confissão  
A freira Chica Bazar,  
Eu prefiro até fugir,  
Se quiserem me empatar,  
Mas, uma saia calção,  
Eu não deixo de botar. (sic) (BARROS, 1983: 41-42)*

No trecho o poeta faz uma irreverente ofensiva contra membros do clero católico, é bastante sutil e extremamente provocante ao acenar possibilidades sobre a sexualidade dos religiosos.

O frei Ribingudo durante o seu sermão, ao invés de pregar sobre as verdades cristãs, ou repreender comportamentos desmoralizantes, papel geralmente assumidos pelos oradores religiosos, “dizia de coração” que queria ser mulher para colocar as “tais” saias calção. Já a freira Chica Bazar, durante a confissão, momento de penitência, em que deveria revelar e arrepender-se de seus pecados, apenas confessa sua vontade de trajar a saia da moda, além de mostrar rebeldia ao ameaçar uma possível fuga, caso não a deixassem colocar a vestimenta, que era, até então, indumentária masculina:

*Procuro um jeito nellas  
De forma nenhuma acho,  
São botões como diabos  
Desde cima até em baixo,  
Estando mulheres e homens  
Parece ser tudo macho. (sic) (BARROS, 1983: 40)*

Diante da observação de que as saias calção eram vestimentas masculinas, parece-nos que o poeta sugeria uma inversão de sexualidade entre os religiosos: Os homens revelavam suas vontades secretas de se vestirem como mulheres, e as mulheres mostravam toda a sua rebeldia ao trajarem roupas que historicamente haviam pertencido aos homens. No trecho, há uma sugestão de que poeta se incomodava com essa flexibilização dos papéis de gênero que se acentuava na sociedade.

O poeta constatava inflamado que “as cousas estavam mudadas”, pois, mesmo depois de casadas, as mulheres ganhavam as ruas para trabalhar, deixando os afazeres de casa por conta de seus maridos:

*Agora é que elles estão vendo  
Que a cousa está em começo  
Tanto que muitos já disseram  
Está tudo pelo avêssso.  
E inda está em principio  
Ainda vai pelo um terço  
[...]*

*Ha homens que hoje vive  
Do trabalho da mulher,  
Embora que elle só faça  
Aquilo que ella quizer,  
Há de carregar no quarto  
Os filhos que ella tiver. (sic) (Antologia BARROS, 1977: 284-286)*

O mundo não era mais o mesmo, o poeta se indignava porque as mulheres não se limitavam mais exclusivamente ao espaço doméstico. Elas ganhavam as ruas, iam para as fábricas fechar cigarros, engomavam roupas, eram amas de leite, costureiras, professoras, modistas e, até mesmo nos “sertões”, deixavam os maridos em casa “alcovitando as panelas” e partiam para o trabalho na roça.

Fossem pertencentes às classes mais abastadas, como parece o caso da crítica às mulheres que vestem as “saías calção”, ou fizessem parte das classes populares, como as trabalhadoras supracitadas, o fato é que as mulheres, definitivamente, não eram mais as mesmas, o que causava grande estranhamento no autor, que considerava estar “tudo pelo avesso”:

*As mulheres que só vivem  
A sondar a invenção,  
Acharam que estavam bem  
Inventando cinturão,  
Com pouco mais ellas andam  
Com cartucheira e facão.*

*Além da tal pulseira  
Com que vivem algemadas,  
Chegaram às saias pamonhas,  
Com essas vivem peiadas,  
Agora as saias calções  
Chegaram mesmo damnadas  
[...]*

*Hontem vi duas mulheres  
Que estavam em discussão,  
Sobre a crença do paiz  
Fanatismo e corrupção,  
Uma perguntou a outra  
Já vistes saia calção?*

*E depois minha vizinha  
Disse a outra admirada,  
São cousas de fim do mundo,  
Bem disse frei Panellada  
Que ainda chegava tempo  
De agente viver peiada. (sic) (BARROS, 1983: 39 - 40)*

No fragmento em destaque, é perceptível o incômodo do poeta com o fato de as mulheres estarem mudando, adquirindo novas posturas e comportamentos, que durante muito tempo lhes foram estranhos. A princípio, limitava-se a reclamar do uso do cinturão, acessório da moda naquele momento, e brincava com a possibilidade de

futuramente elas adotarem o uso da cartucheira e facão, três elementos conhecidos e utilizados como indumentária exclusivamente masculina.

No trecho, é interessante notar as formas utilizadas pelo poeta para travar o enfrentamento contra as mudanças femininas, pois assume, inegavelmente, seu lugar de homem sertanejo. Percebamos que não é por acaso que menciona justamente três elementos que, historicamente, compuseram os trajes e vestimentas do homem do campo. O poeta escolheu uma indumentária familiar àqueles que compravam, liam e ouviam suas narrativas, porque assim eles tomariam a ofensiva feminina também contra si.

Talvez não tivesse tanta graça, ao invés de imaginar uma mulher vestida de cinturão, cartucheira e facão, trajá-la de colete, paletó e *croisé*, indumentárias de homens pertencentes a outras classes sociais. A graça estava justamente em buscar afinidade, aproximação e apoio com o público que, assim como o poeta, estranhava e não estava familiarizado com “tamanhas” inovações. Além disso, é possível que, até mesmo por possuir apreço pelo exagero e alegorização, o poeta tivesse buscado o referencial mais másculo e viril que conhecia para contrapor à ousadia das mulheres.

Na alegoria feminina criada pelo poeta, as mulheres se aproximavam de maneira admirável de formas e referenciais masculinos, chegavam a discutir assuntos que historicamente haviam pertencido ao domínio dos homens: “crença do paiz, fanatismo e corrupção”. Ou seja, de acordo com Leandro Gomes, algumas mulheres se masculinizavam de tal forma que temas como religião e política agora faziam parte do seu rol de discussões.

É interessante notar que a nova conduta feminina incomodava de tal maneira o poeta que, neste caso, até mesmo os religiosos, freqüentemente chacoteados e escarnecidos, eram muito sensatos ao anunciar que chegaria o tempo em que as mulheres viveriam “peizadas”, ou seja, tratadas como éguas, como animais, pois a peia era uma peça de couro ou corda com a qual se prendia o pé do cavalo, para que não se afastasse do campo de pastagem. ( COSTA, 1999)

Com isso o poeta desejava apontar quão absurdos eram os novos trajes femininos, usados somente por mulheres que se distanciavam dos valores religiosos e que chegavam a beirar o ridículo ao aderirem à “pouca-vergonha” e “ousadia” das inovações vindas e oferecidas pela moda.

Nesse sentido, sondamos que o narrador travava um embate com um grupo específico de mulheres da sociedade recifense do início do século, uma vez que as saias calções não eram indumentárias abertamente usadas e difundidas entre todas as mulheres da cidade, na verdade eram peças predominantes no mundo das moças e senhoras pertencentes à classe dominante que, além dessa inovação, aderiam a uma série de outros artifícios, pois acreditavam que somente assim atingiriam o ideal de modernidade. (SETTE, 1958: 107-108)

No entanto, o desejo de ser moderno não se restringia às mulheres. Seu comportamento era, na verdade, extensão dos desejos impressos na camada mais ricas da sociedade recifense, que não diferia do caminho trilhado por cidades brasileiras, como Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador e Porto Alegre, que, através de reformas, urbanização, higienização, inovações tecnológicas, tentavam a todo custo se aproximar de ideais de “modernidade” e “civildade” que passavam indubitavelmente pelo referencial encontrado na Europa.

O passeio pelos primeiros anos do século XX na cidade do Recife, a partir das narrativas presentes na literatura de folhetos de Leandro Gomes de Barros, teve como uma de suas principais propostas evidenciar visões de mundo e tradições de determinados segmentos sociais, muitas vezes não percebidos por outros tipos de fontes e estudos históricos.

Soma-se a essas características, a especificidade de que as narrativas, carregadas de moral, exemplos, experiências e vivências, não dão respostas prontas e acabadas, mas deixam margem para que seus significados e lições sejam pensados e vislumbrados em longo prazo. Isso faz com que seus conteúdos, escritos ou imagéticos, ganhem um valor ainda mais específico e importante, pois não ecoavam no vazio e faziam parte da vida das pessoas que liam, ouviam, contavam, e significavam seus conteúdos.

Finalmente, pesquisar o início do processo de escritura das narrativas orais em folhetos populares tem sido apenas um mote para desvelar a suntuosidade de uma religiosidade forte, de sujeitos que se mostravam, davam-se a ver, partiam para o confronto aberto e, através de seus posicionamentos, marcavam lugares sociais e vivenciavam a experiências religiosas cotidianamente, independente dos novos valores, em relação com os processos em curso, principalmente em oposição àqueles que desejavam lhes combater.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Márcia. *História de cordéis e folhetos*. Campinas, SP: Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1999.
- ARRAIS, Raimundo Pereira Alencar. *O pântano e o Riacho: A formação do espaço público no Recife do século XIX*. 2001. Tese de Doutorado em História Social - Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001. Orientador Prof. Dr. Marcos Antônio da Silva.
- BENJAMIN, Walter. O narrador: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In:\_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BRITO, Gilmário Moreira. *Culturas e linguagens em folhetos religiosos do Nordeste: inter-relações escritura, oralidade, gestualidade, visualidade*. 2001. 295f. Tese de Doutorado em História Social - Programa de estudos Pós- Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001. Orientadora: Antonieta M. Antonacci.
- BURKE, Peter. *Cultura Popular na idade Moderna*. São Paulo: Cia das letras, 1989.
- CERTEAU, Michel de. A beleza do morto In: *A cultura no plural*. Tradução Enid Abreu Dobránszky. Campinas, SP: Papyrus, 1995.
- GINZBURG, Carlo. *O queijo e os Vermes: O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo: Editora Schwarcz Ltda, 1987.
- THOMPSON, E. P. *Costumes em comum: estudos sobre a Cultura Popular Tradicional*. Revisão técnica Antônio Negro e Cristina Meneguello, Paulo Fontes. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

## FONTES

- Antologia* Leandro Gomes de Barros - 2. Tomo III. João Pessoa: Ministério da Educação e Cultura, Fundação Casa de Rui Barbosa, Universidade Federal da Paraíba, 1977.
- Antologia* Leandro Gomes de Barros -3. Tomo V. João Pessoa: Ministério da Educação e Cultura, Fundação Casa de Rui Barbosa, Universidade Federal da Paraíba.1980.
- BARROS, Leandro Gomes de. As Saias Calções. In: LESSA, Orígenes; Vera Lúcia de Luna e (Orgs). *O cordel e os desmantelos do Mundo*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, Centro de Pesquisas, Setor de Filologia, 1983
- BÍBLIA. Português. *A Bíblia Sagrada*. Tradução de João Ferreira de Almeida. 2 ed. Barueri – SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.
- BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada* - Edição Pastoral. São Paulo: Edições Paulinas, 1990.
- CARVALHO, Hernani de. *No mundo maravilhoso do folclore*. Rio de Janeiro: Tipografia Batista de Souza, 1966
- COSTA, F. A. Pereira da. O couro no vocabulário. *Jangada Brasil*, Número 14, Out. 1999. Disponível em: <<http://www.jangadabrasil.com.br/outubro14/of14100b.htm>>. Acesso em 30 maio 2007
- MOTA, Leonardo. *Adagiário Brasileiro*. Fortaleza: edições Universidade Federal do Ceará; Rio de Janeiro: J. Olympio, 1982.
- SETTE, Mário. *Maxambombas e Maracatus*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Casa do Estudante Brasileiro, 1958.